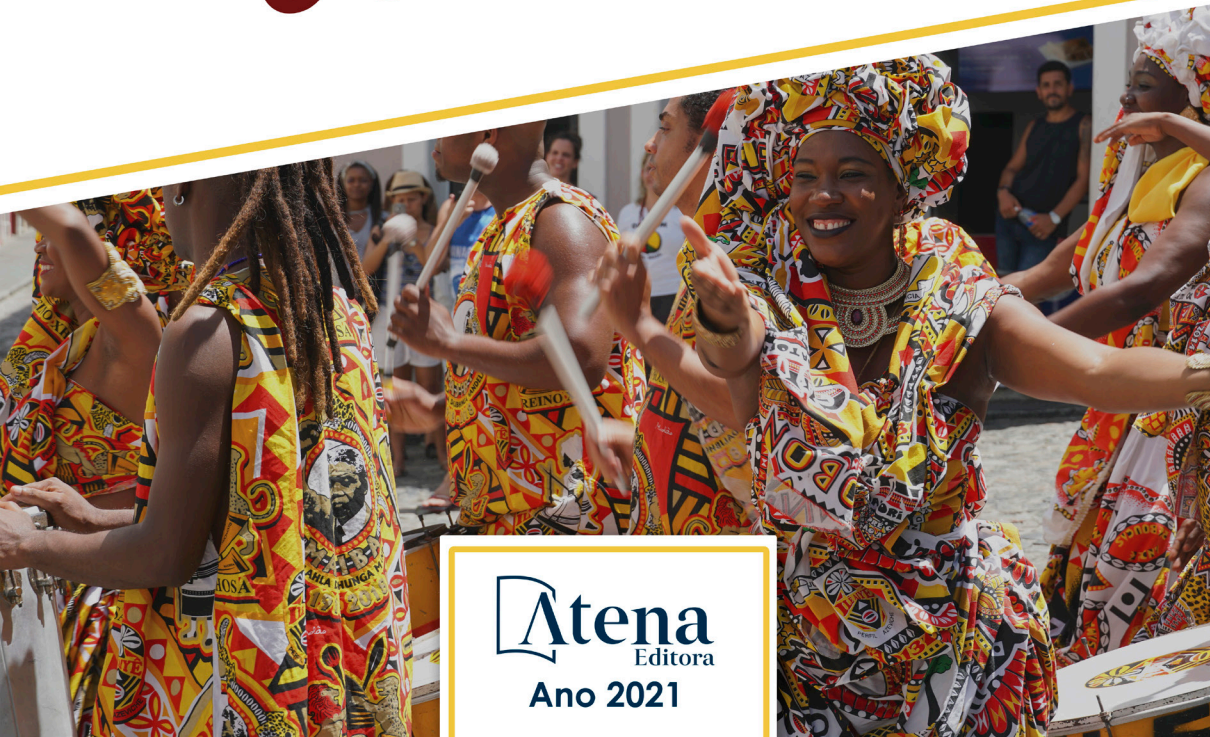



Joaquim dos Santos
José Italo Bezerra Viana
(Organizadores)

Memória, cultura e sociedade

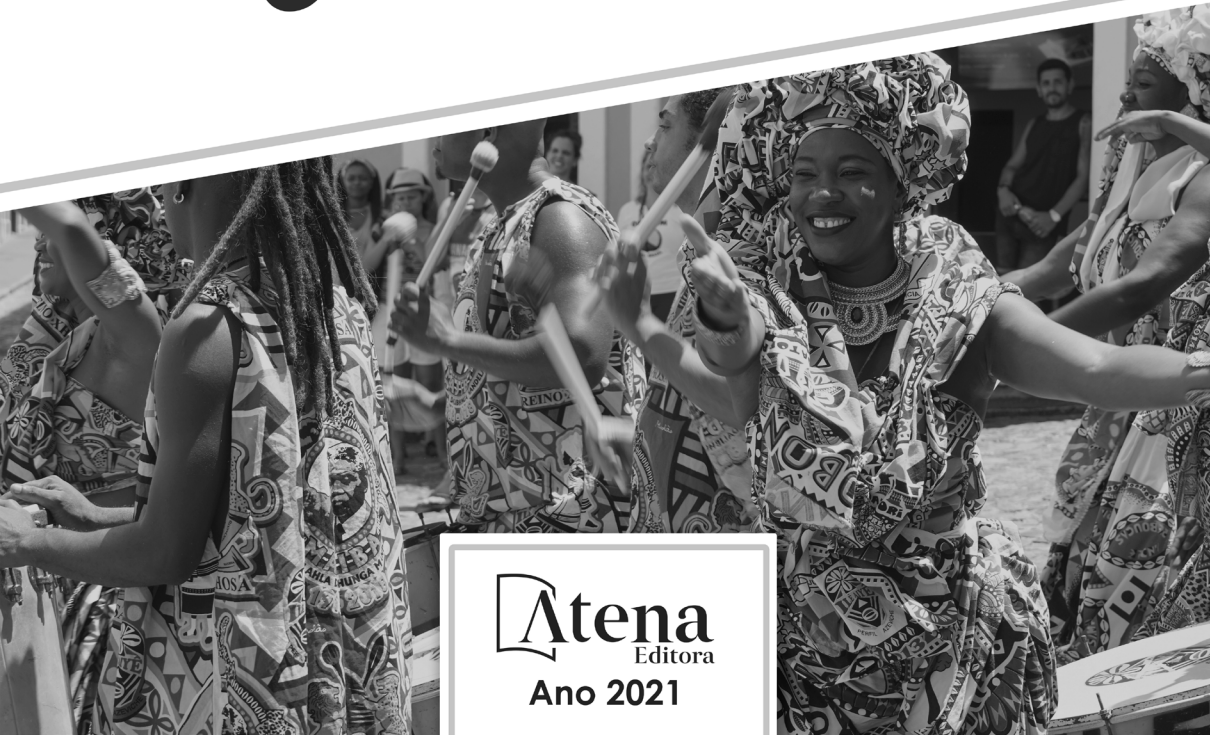


Atena
Editora
Ano 2021



Joaquim dos Santos
José Italo Bezerra Viana
(Organizadores)

Memória, cultura e sociedade



Atena
Editora
Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Gírlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Fernando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federacl do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Profª Ma. Adriana Regina Vettorazzi Schmitt – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa

Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Giovanna Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadores: Joaquim dos Santos
José Italo Bezerra Viana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M533 Memória, cultura e sociedade / Organizadores Joaquim dos Santos, José Italo Bezerra Viana. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-134-0

DOI 10.22533/at.ed.340213105

1. Sociedade. 2. Cultura. I. Santos, Joaquim dos (Organizador). II. Viana, José Italo Bezerra (Organizador). III. Título.

CDD 306

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Este livro é uma demonstração da fecunda e complexa experiência humana em diferentes tempos e espaços, vista aqui pelo prisma do tripé *Memória, Cultura e Sociedade*, novelo que dá título à obra. Numa perspectiva interdisciplinar, as atitudes narrativas constitutivas do seu corpo discursivo elucidam a cultura numa abordagem ampla, como um conjunto de relações humanas, em suas formas materiais e imateriais, o que desnuda a diversidade cultural presente nos temas dissertados.

Seguindo esse horizonte, são abordadas as relações entre indivíduo e sociedade, bem como entre mudanças e continuidades postas na paisagem social, cultural e histórica. A sociedade é apresentada como uma construção histórica numa simbiose de um todo conectado, no qual as pessoas vivem. Assim, modos e construção de relações, combinação de instituições, normas e formas de organização social integram esse novelo. Nesse direcionamento, a memória é apresentada como uma construção humana, individual e social, portanto, também histórica.

Ao longo dos vinte e seis capítulos que integram o livro, uma diversidade de temas e recortes são elencados, abordando as relações entre memória e identidade e colocando em cena seus processos de construção, afirmação e resistências. Nestes termos, a dimensão histórica da memória é apresentada e refletida nas cidades e em suas paisagens, bem como nas reflexões sobre espaços, natureza, trabalho, instituições, territorialização e culturas.

As linguagens a partir das quais as memórias, as culturas e sociedades são postas e problematizadas também ganham corpo, materialidade e densidade discursiva. Nesse sentido, as importantes reflexões a respeito de imagens, teatros, músicas, literatura e objetos são postas em relevo. Outrossim, ganha destaque o debate sobre cultura material mediante as historicidades e danações dos museus e de seus visitantes, revelando ainda as mediações entre a cultura material e os processos histórico-sociais.

O cenário político presente nas disputas por memórias, culturas, identidades e sociedades também não fica de fora. Desse modo, a perspectiva decolonial situa uma postura ética e política de enfrentamento das “colonizações” sobre corpos e ideias, demonstrando que é necessário descolonizar o pensamento e a vida social. Além de tudo isso, o ponto de intersecção entre ensino, pesquisa e extensão universitárias lança luz para processos formativos diversos e plurais nas quais as diversidades ganham materialidade e ressonâncias.

As histórias que este livro conta incluem a diversidade como marca essencial para que possamos nos (re)produzir como cultura humana. Simboliza as circunstâncias de constituição da sociedade através da preservação e transmissão da memória, dando sentido a formas distintas de saber, de aprender e de ensinar a respeito dos ritmos que produzem a cadência do baile da vida.

Joaquim dos Santos
José Italo Bezerra Viana

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A MEMÓRIA COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL: UMA PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL

Rosali Henriques

DOI 10.22533/at.ed.3402131051

CAPÍTULO 2..... 12

ICONOLOGIA DE SÃO BENEDITO E O ATRIBUTO DA ABÓBORA: EDUCAÇÃO, ARTE E SINCRETISMO NA REGIÃO AURÍFERA DE MINAS GERAIS NO SÉCULO XVIII

Luiz Fernando Conde Sangenis

Ketley Flor Soares Bially

DOI 10.22533/at.ed.3402131052

CAPÍTULO 3..... 23

VERTICALIZAÇÃO À FRANCESA NO RIO DE JANEIRO: O CASO DO EDIFÍCIO TAMANDARÉ

Denise Vianna Nunes

Lívia Paiva Colonese

DOI 10.22533/at.ed.3402131053

CAPÍTULO 4..... 38

JARDIM CEARÁ: O PADRE MIGUEL COELHO DE SÁ BARRETO E A FESTA SOCIORRELIGIOSA DA VIRADA DO SÉCULO XIX PARA O SÉCULO XX

Maria Jorge dos Santos Leite

Manoel Joaquim Leite Neto

DOI 10.22533/at.ed.3402131054

CAPÍTULO 5..... 50

CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS E SOCIAIS DO ÁLBUM ILLUSTRADO DE GOYANNA: 1921-2021

Angela Ninfa Mendes de Andrade Cabral

José Bartolomeu dos Santos Júnior

Eliton Leandro de Oliveira Pereira

DOI 10.22533/at.ed.3402131055

CAPÍTULO 6..... 63

O PASSADO DA IMPRENSA BRASILEIRA: O RESGATE DA MEMÓRIA DA REVISTA “INTERVALO” ATRAVÉS DA METODOLOGIA DE HISTÓRIA ORAL

Talita Souza Magnolo

DOI 10.22533/at.ed.3402131056

CAPÍTULO 7..... 79

A MEMÓRIA DA CENA TEATRAL CARIOCA NA DÉCADA DE 1970

Ana Paula Dessupoio Chaves

Talita Souza Magnolo

DOI 10.22533/at.ed.3402131057

CAPÍTULO 8	92
ESTÉTICA E METALINGUAGEM EM PASÁRGADA	
Vitor Hugo da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.3402131058	
CAPÍTULO 9	103
DO “STATUS” AO STRESS: UMA ANÁLISE DO CONTO DE LÍLIA MOMPLÉ	
Maria Aparecida Nascimento de Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.3402131059	
CAPÍTULO 10	117
O CONSUMO DE REGGAETON ANTES E DEPOIS DE DESPACITO PELOS BRASILEIROS	
Danilo Espindola Catalano	
DOI 10.22533/at.ed.34021310510	
CAPÍTULO 11	129
ENTRE A CASA E A RUA: REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE O ÓCIO EM TEMPOS DE COVID-19	
Rosana Eduardo da Silva Leal	
DOI 10.22533/at.ed.34021310511	
CAPÍTULO 12	142
CALDAS NOVAS-GO: TRADIÇÃO E IDENTIDADE NA TRANSIÇÃO DO USO DAS ÁGUAS TERMAIS PARA CURA E SUA APROPRIAÇÃO PELOS EMPREENDIMENTOS TURÍSTICOS PARA O LAZER E ENTRETENIMENTO	
Sheila Cristina Endres Palmerston	
Hamilton Afonso de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.34021310512	
CAPÍTULO 13	155
A DEMOCRATIZAÇÃO DO MUSEU PARA O VISITANTE	
Ana Fabiola Correia da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.34021310513	
CAPÍTULO 14	168
COLEÇÃO E MUSEALIDADE: O MUSEU GRUPPELLI, PELOTAS/RS EM FOCO	
José Paulo Siefert Brahm	
Márcia Della Flora Cortes	
Diego Lemos Ribeiro	
Juliane Conceição Primon Serres	
João Fernando Igansi Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.34021310514	
CAPÍTULO 15	182
CRECHES COMUNITÁRIAS DE UBERLÂNDIA: UMA MARCA DA MODERNIZAÇÃO DA SOCIEDADE DO SÉCULO XX	
Vinicius Silva	
DOI 10.22533/at.ed.34021310515	

CAPÍTULO 16	191
MOVIMENTO DECOLONIAL, FORMAÇÃO DOCENTE E HUMANIDADES: TESSITURAS POSSÍVEIS	
Katia Gonçalves Castor	
Jalber Boa Camilo	
Marcela Fraga Gonçalves Campos	
Juliana Nunes Novaes	
DOI 10.22533/at.ed.34021310516	
CAPÍTULO 17	206
RESISTÊNCIA E PRESERVAÇÃO DO TAMBOR DE CRIOLA NO BAIRRO CAMPINHO EM BACURI-MA: TRAÇANDO UMA HISTÓRIOGRAFIA	
Verônica Maria de Moraes Alexandre Santana	
DOI 10.22533/at.ed.34021310517	
CAPÍTULO 18	216
O PROCESSO DE INTEGRAÇÃO LOCAL DE REFUGIADOS POR MEIO DA INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO: UM ESTUDO A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DO ESTADO DE PERNAMBUCO	
Álvaro Luiz da Silva Santos	
Thalita Franciely de Melo Silva	
DOI 10.22533/at.ed.34021310518	
CAPÍTULO 19	235
PAISAGEM CULTURAL E TERRITORIALIZAÇÃO DO CORPO: O CASO DA VILA CASONI, LONDRINA (PR)	
Caroline Santos de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.34021310519	
CAPÍTULO 20	242
POPULAÇÃO IDOSA E INDÍGENA NO PROCESSO MODERNO: TRADIÇÃO E ADAPTAÇÃO	
Aline Rocha Amaral	
Raine Clavisso Pereira	
Fábio Rodrigues da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.34021310520	
CAPÍTULO 21	250
ENTRE O RIO E A MATA: O ESPAÇO TERRITORIAL COMO REFERENTE IDENTITÁRIO E CULTURAL EM UM POVOADO DA AMAZÔNIA TOCANTINA SÍMBOLO DE PODER FEMININO	
Mix de Leão Moia	
Francisco Wagner Urbano	
DOI 10.22533/at.ed.34021310521	

CAPÍTULO 22.....	258
FORMAÇÃO DOCENTE E SEXUALIDADE: AÇÃO EXTENSIONISTA NO CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA SABERES INDISPENSÁVEIS PARA FORMAÇÃO DOCENTE INICIAL E CONTINUADA	
Gislene Lisboa de Oliveira	
Valéria Soares de Lima	
Lilian Cristina dos Santos	
Gabriel Soares Sena	
DOI 10.22533/at.ed.34021310522	
CAPÍTULO 23.....	272
EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: UMA EXPERIÊNCIA COM A POESIA	
Gustavo Avelino da Silva	
Ana Cristina Fernandes Pereira Wolff	
Carina Gomes da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.34021310523	
CAPÍTULO 24.....	281
A AMEAÇA DO ANIMALESKO ANTE A HUMANIDADE: UMA LEITURA DE CEM ANOS DE SOLIDÃO SOB A LUZ DA FILOSOFIA DE ADORNO E HORKHEIMER	
Lorena Gonçalves Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.34021310524	
CAPÍTULO 25.....	286
NUTRIARTES: UM PROJETO DE EXTENSÃO	
Ana Luiza Araujo Rocha	
Luis Gustavo Alves Monteiro	
Nathália Nascimento Fernandes Franco	
Mellissa Yumi Ferreira Kawamoto	
Pedro Eduardo Ochoa Michelin	
Juliana Pulsena Cunha	
Glaucia Carielo Lima	
DOI 10.22533/at.ed.34021310525	
CAPÍTULO 26.....	292
OFICINA DE BERIMBAU: CULTURA E AFRICANIDADES	
Jackson dos Reis Novais	
DOI 10.22533/at.ed.34021310526	
SOBRE OS ORGANIZADORES	296
ÍNDICE REMISSIVO.....	297

ENTRE A CASA E A RUA: REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE O ÓCIO EM TEMPOS DE COVID-19

Data de aceite: 21/05/2021

Rosana Eduardo da Silva Leal

Doutora em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco; Coordenadora do Grupo de Pesquisa em Antropologia e Turismo – ANTUR/UFS/CNPQ; Docente do Departamento de Turismo e do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Culturas Populares da Universidade Federal de Sergipe; Brasil

Versão revista do trabalho apresentado no II Congresso Internacional Online de Estudos sobre Culturas, na modalidade online, realizado pelo Centro Latino-Americano de Estudos em Cultura (Claec) em 2020.

RESUMO: O ano de 2020 foi marcado pela presença devastadora de um inimigo invisível, que circulou não só nos países pobres, mas também nas nações mais poderosas do planeta: a Covid-19. Novo vírus que paralisou a vida social e a economia mundial e que trouxe novas dinâmicas sociais em âmbito global. Nesse sentido, o presente artigo busca refletir sobre a relação entre casa e rua em tempos de pandemia, analisando como o processo de isolamento social inviabilizou práticas de lazer fora de casa e estimulou experiências de ócio em âmbito doméstico, que vão de encontro à sociedade capitalista de consumo. Para tanto, buscamos o suporte teórico da pesquisa bibliográfica e documental de autores que se debruçaram

sobre o mundo pandêmico e sobre a realidade brasileira durante a crise sanitária, por meio de livros, textos, artigos, matérias jornalísticas e entrevistas disponíveis na *web*. Além disso, buscamos pensar o lazer e o ócio no contexto brasileiro por meio das categorias casa e rua tratadas pelo antropólogo Roberto DaMatta. Diante do estudo, identificamos que o uso da rua como espaço de lazer tornou-se inviável pelo perigo de transmissão descontrolada do vírus, tornando-se seu uso restritivo, como medida de contenção e proteção social. Nesse sentido, o ócio foi recuperado como possibilidade de redescoberta individual e de adaptabilidade ao isolamento social, convidando os indivíduos a voltarem-se para si como experiência de bem-estar. Entretanto, se faz necessário salientar que no Brasil nem todos os cidadãos tiveram a possibilidade de vivenciar o ócio, sobretudo pelas próprias desigualdades sociais e laborais existentes, uma vez que no âmbito brasileiro a possibilidade de usufruto dessa experiência passou a ser vivida apenas por aqueles que puderam manter-se em casa.

PALAVRAS - CHAVE: Covid-19; casa; rua; ócio, Brasil.

BETWEEN THE HOUSE AND THE STREET: THEORETICAL REFLECTIONS ON LEISURE IN TIMES OF COVID-19

ABSTRACT: The year 2020 was marked by the devastating presence of an invisible enemy, which circulated not only in poor countries, but also in the most powerful nations on the planet: Covid-19. New virus that paralyzed social life and the world economy and brought new social

dynamics globally. In this sense, this article seeks to reflect on the relationship between home and street in times of pandemic, analyzing how the process of social isolation made leisure practices outside the home unfeasible and stimulated leisure experiences at home that go against the capitalist society of consumption. To do so, we sought theoretical support for bibliographic and documentary research by authors who looked at the pandemic world and the Brazilian reality during the health crisis, through books, texts, articles, journalistic articles and interviews available on the web. In addition, we seek to think about leisure in the Brazilian context through the home and street categories treated by anthropologist Roberto DaMatta. In view of the study, we identified that the use of the street as a leisure space became unviable due to the danger of uncontrolled transmission of the virus, making its use restrictive, as a measure of containment and social protection. In this sense, leisure was recovered as a possibility for individual rediscovery and adaptability to social isolation, inviting individuals to turn to themselves as an experience of well-being. However, it is necessary to emphasize that in Brazil not all citizens had the opportunity to experience leisure, especially due to their own social and labor inequalities, since in the Brazilian scope the possibility of enjoying this experience started to be experienced only by those who could stay at home.

KEYWORDS: Covid-19; home, street; leisure; Brazil.

1 | INTRODUÇÃO

O ano de 2020 foi marcado pela presença devastadora de um inimigo invisível, que circulou não só nos países pobres, mas também nas nações mais poderosas do planeta. Trata-se de uma realidade que surge na China, epicentro da pandemia, e que lança uma nova lógica de saúde pública, geopolítica e cidadania global. É a Covid-19, novo vírus que paralisou a vida social e a economia global, cuja crise sanitária lembra, conforme salientou Schwarck (2020), o medo e a insegurança da gripe espanhola. Entretanto, a experiência com o novo vírus foi experimentada diferentemente pelos países, absorvendo macro e micro implicações.

Numa sociedade marcada pela busca do êxito, do produtivismo e do empreendedorismo, a pandemia trouxe novas dinâmicas sociais configuradas entre a casa e a rua. Nesse cenário, a cadeia produtiva do lazer foi um dos campos econômicos mais prejudicados, já que a forma de consumo fora de casa tornou-se perigosa e restrita, sobretudo pela possibilidade de transmissão e contágio do vírus em cinemas, aeroportos, shoppings, restaurantes, hotéis, parques, dentre outros espaços. Já ócio, outrora tão rechaçado pelo capitalismo, passou a ter mais espaço enquanto experiência de bem-estar e autoconhecimento durante o isolamento social.

Assim, para tratar de tal realidade, o presente artigo busca refletir sobre a relação entre casa e rua em tempos de pandemia, analisando como o processo de isolamento social inviabilizou práticas de lazer fora de casa e estimulou experiências de ócio que vão de encontro à sociedade capitalista de consumo. Para refletir sobre essa realidade, buscamos o suporte teórico da pesquisa bibliográfica e documental de autores que se

debruçaram sobre o tema, por meio de textos, artigos, matérias jornalísticas e entrevistas disponíveis na *web* durante a pandemia, tais como: Schwarcz, Badiou, Harvey, Žižek, Cueto, Santos, Goulart e Pereira.

O texto foi escrito durante o isolamento social vivido pela autora, tendo por finalidade pensar o lazer e o ócio diante do coronavírus na realidade brasileira, por meio das categorias casa e rua tratadas pelo antropólogo Roberto DaMatta.

2 | TEMPOS DE COVID-19

Para a antropóloga e historiadora Lilia Schwarcz, a pandemia do novo coronavírus marca a passagem do século 20 para o 21. “Acho que essa nossa pandemia marca o final do século 20, que foi o século da tecnologia. Nós tivemos um grande desenvolvimento tecnológico, mas agora a pandemia mostra esses limites” (SCHWARCZ, 2020, on-line).

A proliferação desenfreada do vírus demonstrou o lado nefasto da globalização que, por meio dos seus fluxos humanos, logo atingiu os mais diversos países, causando impactos globais nas mais diversas dimensões da vida em sociedade. Afinal, as rotas de conexão aérea no mundo apresentaram-se como potentes canais de transmissão do vírus, por meio da intensa circulação de pessoas. Conforme salienta Harvey (2020, p.16),

[...] uma das desvantagens da crescente globalização consiste no fato de ser impossível deter uma rápida difusão internacional de novas doenças. Vivemos em um mundo altamente conectado, onde quase todos viajam. As redes humanas de difusão potencial são vastas e abertas.

Diante da crise sanitária vivida, o modelo econômico neoliberal dominante demonstrou suas fragilidades, não dando conta de estruturas e serviços de saúde passíveis de serem utilizadas pela boa parte da população mundial. Para o historiador da saúde, Marcos Cueto, a rápida e desenfreada expansão do novo coronavírus ilumina um lado nefasto do neoliberalismo, do qual se tem a redução da presença do Estado, de suas estruturas e de suas instituições em detrimento da consequente ampliação do setor privado de saúde. Segundo o referido historiador, diante dessa experiência pandêmica, será preciso também se debruçar sobre a história das políticas sanitárias, uma vez que as questões políticas influenciam de forma significativa o modo como as nações lidam com a pandemia.

Esse episódio revela os grandes problemas da história e da sociedade contemporânea: saúde e enfermidade não são somente assunto de cientistas e sanitaristas e que há sempre uma dimensão política envolvida. Em termos históricos, esta pandemia revela como, nos últimos anos, governos autoritários populistas de direita atacaram com torpeza a ciência e a saúde pública, além de diminuírem os recursos da pesquisa científica e do sistema público de saúde. As repostas insuficientes a esta pandemia são o resultado de anos de respostas insuficientes aos problemas de saúde como um todo (CUETO, 2020, p. 02).

A Covid-19 produziu uma crise sanitária mundial, que descortinou o despreparo dos países e de seus respectivos sistemas de saúde pública em lidar com esse inimigo invisível. Tal crise demonstrou também que os processos de prevenção e cuidado não chegaram às populações mais vulneráveis (SCHWARCZ, 2020), uma vez que, “a insuficiência de políticas públicas para sistemas de saúde e seguridade social nos países desmantelados pelos mandatos de austeridade indicariam a urgência de revisar a profunda dessolidarização, jurídica e ética, que aplaca Estados e sujeitos” (GOULART, 2020, on-line).

Entretanto, mesmo diante deste contexto pandêmico, tem-se a presença de uma realidade positiva de colaboração científica em âmbito mundial que, mesmo diante de questões políticas que muitas vezes dificultam o diálogo entre nações, segue pautada em uma ciência aberta, embasada em trocas mundiais de informações sobre a doença, bem como de práticas de solidariedade entre instituições e institutos de pesquisas, cientistas, sanitaristas e médicos, por meio da disseminação de dados e experiências científicas e sanitárias.

Nesse cenário de crise sanitária, os grupos mais vulneráveis foram compostos por: idosos, populações carcerárias, povos indígenas, moradores de rua e populações periféricas. Por isso, “[...] garantir dimensões de gênero, raça e classe nas respostas sociais de gestão à crise, são exemplos de medidas mínimas que dizem respeito a como sujeitos e Estados podem se ressolidarizar e, assim, tecer novos mundos possíveis” (GOULART, 2020, on-line).

Para o meio ambiente diversos exemplos foram apresentados pela mídia, como a redução significativa da poluição do ar, dos mares e dos rios. A natureza construiu novos cenários com usuários que estavam distantes dos grandes centros pela presença incessante de veículos e pessoas. E que no início da pandemia vivenciaram uma liberdade desconhecida no cotidiano do contexto urbano globalizado.

Pereiro (2020) considera que a pandemia possibilitou a presença de um significativo discurso de base biopolítico e de biopoder, que busca ter controle sobre o mundo, os corpos e as mentes, resultantes de discursos de médicos, psicólogos e economicistas, bem como do Estado. Já para Castells (2020), o novo coronavírus foi a ameaça mais grave enfrentada após a 2ª Guerra mundial, demonstrando que a tecnologia não pode tudo. Conforme o referido autor, “a principal lição é que a saúde é nossa infraestrutura de vida e requer cooperação global” (CASTELLS, 2020, on-line). Por isso, defende a existência de um sistema de governança global, bem como de investimentos no setor de saúde, com financiamento em formação, pesquisas científicas, equipamentos e prevenção. Já Badiou (2020) chamou atenção sobre a relação entre globalização, coronavírus e capitalismo:

[...] há simplesmente um dado fundamental do mundo contemporâneo: a ascensão do capitalismo de estado chinês à posição imperial, ou seja, uma presença intensa e universal no mercado mundial. Surgiram inúmeras redes de difusão, evidentemente antes de o governo chinês conseguir isolar

completamente o ponto de origem, ou seja, uma província inteira com 40 milhões de habitantes – algo que acabou por conseguir fazer, mas muito tarde para impedir a epidemia de partir pelos caminhos – e os aviões, e os navios – da existência global (BADIOU, 2020, p.38).

O antropólogo espanhol, pesquisador e professor Xerardo Pereiro resgata o conceito antropológico de ritos de passagem tratado por Victor Turner para analisar as etapas de vivência coletiva com a Covid-19. Para Turner, essa ritualística é constituída pela dialética entre a estrutura e a antiestrutura e está imersa na vida em sociedade, notadamente nas instituições, contextos sociais e culturais. O “Processo Ritual é uma tentativa de compreender algo desse processo social total de interação e interdependência, bem como das disjunções, às vezes frutuosas, entre acontecimentos ordenados donde se origina o pensamento independente” (TURNER, 1974, p.06).

Turner compreende que o processo ritual é constituído por distintos momentos caracterizados por três fases. Tem-se o primeiro momento (de separação), o intermediário (período liminar em que se experimenta o sentido da *communitas*) e o terceiro momento (reagregação ou reincorporação). A intermediária constitui-se como momento pelo qual tem-se a ritualização das transições sociais e culturais dos indivíduos. Nesse sentido, a liminaridade e a *communitas* são constituídas por uma antiestrutura. A liminaridade é compreendida como um artefato de ação cultural, cuja pedagogia é perpassada por experiências de imersão em situações de resiliência, sendo constituída pela vivência da *communitas* (relacionamento não estruturado dos indivíduos liminares). Conforme Turner, a estrutura e a *communitas* perpassam todos os níveis de culturas, inclusive na sociedade moderna ocidental. Nesse sentido, a maximização da *communitas* pode provocar a maximização da estrutura. No contexto da pandemia, podemos entender tal dinâmica nas normas mais restritivas do governo diante da circulação da população em espaços públicos, buscando conter os indivíduos que se distanciam das orientações de isolamento social. Ou seja: a estrutura buscando conter a *communitas*.

Ao analisar a pandemia pela perspectiva de Turner, Pereiro (2020) considera que o primeiro momento foi constituído pela separação mental, física e social da realidade vivida cotidianamente. Tem-se também a identificação do problema e a criação de soluções pessoais, familiares e societais durante esta fase. Trata-se do período inicial de diálogo da sociedade com o novo cenário de pandemia e as possibilidades adaptativas com essa realidade sociocultural e sanitária ainda desconhecida.

Na segunda fase tem-se a vivência da liminaridade, por meio da experiência sacrificial de distanciamento, confinamento e isolamento social. É a fase liminar, conforme salienta Turner. Há também a suspensão de alguns papéis sociais, de práticas cotidianas, do distanciamento familiar, das redes de amizades e do uso do espaço público. Nesta etapa ocorre o fortalecimento da presença do Estado na vida das pessoas, que passa a intervir na privacidade e direitos civis da nação. Tem-se também o uso da tecnologia da informação

e comunicação como meio de interação social com o mundo exterior. Há neste momento ritualístico a presença de tensões emocionais, psíquicas, problemas de convivência social e pressões laborais provenientes do risco de contaminação diante do vírus. Há também uma redefinição identitária com dimensões psico-social-cultural.

A terceira fase, caracterizada pela reintegração, de pós-pandemia, tem como desafio a reconstrução dos laços sociais, o reforço do sentido de sociedade e comunidade, a busca pela convivência igualitária. Trata-se de uma fase em que se buscará uma nova forma de viver, considerando aspectos sanitários, humanitários e políticos com um novo *ethos* biomédico. Trata-se do mesmo encaminhamento dado por Žižek (2020), quando evidencia que com a epidemia podem surgir outros direcionamentos para uma sociedade melhor, conforme aponta o autor:

Mas talvez outro vírus ideológico, muito mais benéfico, se espalhe e nos contagie: o vírus do pensamento em termos de uma sociedade alternativa, uma sociedade para além do Estado-nação, uma sociedade que se atualiza sob a forma de solidariedade e cooperação global (ŽIŽEK, 2020, p.43)

Aos poucos serão buscados os sentidos dos espaços públicos, a recuperação dos ciclos festivos, bem como os encontros familiares e de grupos de amigos, conforme salienta Pereiro (2020).

3 | ENTRE A CASA E A RUA

Em um país desigual como o Brasil, o isolamento social tornou-se um privilégio para poucos. De acordo com Pereiro (2020), os lugares e formas de moradia, o tipo de trabalho, a classe social, bem como a constituição familiar são alguns dos muitos fatores que diferenciam a experiência de isolamento social vivida durante a pandemia. “Por um lado, ao contrário do que é veiculado pelos *media* e pelas organizações internacionais, a quarentena não só torna mais visíveis, como reforça a injustiça, a discriminação, a exclusão social e o sofrimento imerecido que elas provocam” (SANTOS, 2020, p.21).

Para pensar a pandemia no contexto brasileiro, resgatamos as categorias “casa e rua” tratadas por Roberto DaMatta (1997). Para o referido antropólogo, tais dimensões constituem “[...] uma oposição básica na gramática social brasileira” (DAMATTA, 1997, p. 16). Trata-se de um sistema classificatório que envolve códigos, valores e ideias, constituindo-se como um sistema de ação, que perpassa diversas lógicas de uma razão prática brasileira. As referidas categorias estruturam as relações sociais, permeando distintos graus de variações, combinações e segmentações. Por isso, podem absorver processos de englobamento em que a casa pode englobar a rua e vice-versa.

Quando digo então que ‘casa’ e ‘rua’ são categorias sociológicas para os brasileiros, estou afirmando que, entre nós, estas palavras não designam simplesmente espaços geográficos ou coisas físicas comensuráveis, mas

acima de tudo entidades morais, esferas de ação social, províncias éticas dotadas de positividade, domínios culturais institucionalizados e, por causa disso, capazes de despertar emoções, reações, leis, orações, música e imagens esteticamente emolduradas e inspiradas (DAMATTA, 1997, p. 14).

A rua traz a ética do mundo exterior, sendo o eixo da vida pública, dos macroprocessos, da economia capitalista, do campo institucional e de suas autoridades, do formalismo jurídico-legal, do moderno, das leis universais e da burocracia. É a dimensão em que se tem a impessoalidade, a lealdade ideológica, as classes sociais, o anonimato, a emoção disciplinada, a cidadania e a política. É o contexto em que se tem o discurso do Estado, que instaura hábitos sociais. “Leituras pelo ângulo da rua são discursos muito mais rígidos e instauradores de novos processos sociais” (DAMATTA, 1997, p.18).

No espaço social da casa ressalta-se a pessoa, as relações mais calorosas, a família, a dimensão caseira, a lealdade, a humanidade, as amizades, as tradições, os microprocessos, os costumes, as relações pessoais, as emoções, o compadrio, a religiosidade popular, o familiar e o doméstico. Entretanto, tais interpretações dualísticas não se fazem presentes no cotidiano do país de forma rígida e estanque. O autor chama a atenção de que o mais importante ao se pensar e estudar tais categorias é entender suas conexões, buscando observar de modo aberto e em movimento para entender suas relações e conjugações. “Afirmo, posto que isso é um ensinamento básico da antropologia social que pratico, que o estilo brasileiro se define a partir de um “&”, um elo que permite batizar duas entidades e que, simultaneamente, inventa o seu próprio espaço” (DAMATTA, 1997, p. 24).

Ao se pensar na dimensão da casa no contexto do novo coronavírus, precisamos lembrar que as condições de moradia da sociedade brasileira variam conforme a classe social. Para os moradores dos subúrbios, o interior das residências é dividido com uma grande quantidade de pessoas do mesmo grupo familiar, que aumenta a vulnerabilidade dos seus membros, sobretudo dos idosos, já que o distanciamento corporal se torna inviável pelo reduzido tamanho dos cômodos. Há também os moradores de rua, cuja casa está no ambiente público.

O estabelecimento do isolamento social como forma de contingência fez com que as pessoas tivessem que trabalhar em casa ou mesmo suspender suas atividades laborais neste contexto. Assim, ficar em casa não significou estar de férias, uma vez que as rotinas familiares tiveram que ser adaptadas. Conforme salienta Goulart (2020), tem-se com a pandemia uma nova territorialidade do espaço laboral, que passa a incluir a casa, intensificando as obrigações cotidianas e domésticas, sobretudo para as mulheres.

A noção de cuidado passou a ser revista e experimentada diferentemente, exigindo maior atenção da sociedade, sobretudo como os grupos mais vulneráveis. A experiência do cuidado, que possui a dimensão de gênero e classe social bastante marcados, se tornou latente, exposta e revista. Isso porque, ao falarmos de gênero por exemplo, observamos

que o cuidar do outro esteve com maior frequência nas mãos das mulheres, como já acontecia antes do isolamento social. Além disso, diante do confinamento doméstico, as mulheres se tornaram o grupo mais suscetível à violência doméstica, conforme chamou atenção o referido autor. É na casa que o público feminino reúne atividades domésticas, cuidado com os filhos e atividades laborais. O que resulta em um conjunto de obrigações e responsabilidades desproporcionais ao papel masculino, que esteve historicamente pouco propenso em dividir as atividades diárias de um lar e de uma família.

Há uma outra lógica de produção na quarentena com a presença de simulacros da vida social, que passaram a se reproduzir e intensificar com a tecnologia. Esta transformou-se em uma aliada na aproximação virtual substitutiva do distanciamento físico e social de diversos grupos. Por outro lado, encampou um intenso fluxo de informações e estímulos tecnológicos, por meio de uma enxurrada de *lives*, vídeos, aulas e visitas virtuais, além de tantas outras possibilidades de utilização tecnológica.

A rua, que para a sociedade contemporânea passou a ser mais experimentada rotineiramente que a casa, tornou-se um risco para a convivência humana. A rua também passou a ser o espaço do exercício da cidadania com o florescimento de solidariedades emergentes. O senso de coletividade foi aguçado por meio de campanhas e ações colaborativas em todo o país. Pelo menos durante o início da crise sanitária, o pensar coletivo precisou suspender o individualismo do mundo capitalista para se pensar nos mais vulneráveis, conforme destaca Žižek (2020, p.44):

A epidemia do coronavírus é uma espécie de 'técnica de cinco pontos para explorar um coração' destinada ao sistema capitalista global. É um sinal de que não podemos continuar no caminho em que temos estado até agora, de que é necessária uma mudança radical.

A sociedade mundial passou a exercitar, conforme salienta Bauman (2013) retomando as reflexões de Bruno Latour, uma "arte de coabitação humana pacífica", que se constitui como uma nova experiência de convivência em tempos de globalização e modernidade líquida. Bauman (2013, p.88) complementa ainda que:

Se a ideia da 'boa sociedade' é permanecer relevante no cenário da modernidade líquida, ela deve representar uma sociedade devota à noção de 'dar uma chance a todos', ou seja, remover, um a um, os obstáculos que impedem essas chances de se concretizar'.

Para muitas camadas da população brasileira, a rua constitui-se como espaço de sobrevivência diária ou moradia precária. Assim, muitos são impossibilitados de estar em casa em isolamento devido a necessidade básica de trazer o sustento familiar. Santos (2020) recorda e destaca alguns grupos sociais já vulneráveis antes da pandemia, que neste contexto de crise vivenciam ainda mais a precariedade de sua cidadania sem ter, muitas vezes, a chance de seguir as orientações de prevenção transmitidas pela OMS. São

eles: as mulheres; os trabalhadores informais; os trabalhadores de rua; a população de rua; os moradores das periferias pobres, os indivíduos situados em campos de internamento para refugiados, os deficientes e os idosos.

Por outro lado, a dimensão da rua também experimenta a redução da degradação ambiental. A natureza demonstrou sentir-se mais revigorada distante da presença humana. Foi assim visto em mares, rios, espaços públicos que foram revisitados por espécies não presentes no cotidiano barulhento e poluído das urbes. No mundo, alguns fatos já foram identificados, conforme salientou o escritor e jornalista brasileiro Ruy Castro em matéria intitulada “Longe do Centro do Universo”, que foi publicada em 05/04/2020 na Folha de São Paulo:

Em meio às estatísticas macabras do coronavírus, leem-se notícias que fazem pensar. Pela primeira vez em séculos, os golfinhos voltaram aos canais de Veneza. Alguém fotografou pavões nas ruas desertas de Madri. Os gatos de Roma passeiam fagueiros pela Via Veneto. Numa Nova York em silêncio, ouvem-se rouxinóis na Quinta Avenida. E, no Rio, veem-se raias no Arpoador e gaivotas explorando as areias do Leblon (CASTRO, 2020, on-line).

Se por um lado houve um aguçamento do sentido de coletividade em âmbito nacional e global, nem sempre tal percepção foi compartilhada por boa parte da população, que teimou em circular em espaços públicos em busca de práticas de lazer. As experiências fora de casa também evidenciaram a falta de compreensão coletiva em relação ao vírus, quando no Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Porto de Galinhas (Pernambuco) a população insistiu em circular em parques, praças e praias, negligenciando as orientações da Organização Mundial da Saúde, bem como dos governos estaduais e municipais. É o que Turner (1974) classifica como a *communitas* produzindo uma antiestrutura diante das imposições das instituições.

Na matéria “Em Porto de Galinhas, turistas seguem na praia mesmo com pandemia”, publicada pelo Diário de Pernambuco de 19/03/2020 podemos entender as reflexões de Turner (1974).

Sob a justificativa de ser um ambiente aberto, a praia de Porto segue procurada. ‘Na praia a gente entende que dá para se divertir. Dá para aproveitar, mas evitando aglomeração’, disse o turista Erivaldo José da Rocha, 43, acompanhado da mulher, Jarlene da Rocha, 27, ambos de Cuiabá. O transporte de turistas nos buggies também parece normal. ‘Para mim, tudo continua a mesma coisa. O passeio não caiu. Não tô com medo da doença. Vejo televisão direto e acho que aqui não vai afetar’, disse Eliel Silva, 38 anos, há vinte trabalhando na praia (TEIXEIRA, 2020, on-line).

No dia em que a matéria jornalística foi realizada, o principal destino turístico pernambucano seguia com o comércio aberto, recebendo turistas em bares e restaurantes. A área da praia e da areia também seguiam ocupadas com um intenso fluxo de pessoas.

4 | ISOLAMENTO SOCIAL, LAZER E ÓCIO

O lazer teve um intenso desenvolvimento na sociedade contemporânea, por meio de uma ampla gama de produtos e serviços destinados ao setor. Constitui-se como atividade moderna, que está diretamente ligada ao trabalho, concebido como um tempo de reposição da energia, recuperação física e psicológica, bem como possibilidade de usufruto de parte do tempo livre fora do período laboral. Desde o advento da modernidade, o lazer teve como uma de suas finalidades estimular a recuperação dos trabalhadores para retomarem mais produtivos, sendo ainda uma distração vivenciada no tempo livre. Nesse sentido, está situado em uma perspectiva mais funcionalista na sociedade (MARTINS, 2018).

O lazer também integra o mercado capitalista de consumo, sendo ofertado a partir de uma gama de possibilidades. Foi, sem dúvida, um dos setores mais atingidos pela pandemia. Neste campo podemos evidenciar o turismo e sua cadeia produtiva, cujo usufruto ocorre na rua e não em casa. Conforme Harvey (2020, p.20), “este local de acumulação de capital está morto: as companhias aéreas estão perto da falência, os hotéis estão vazios e o desemprego em massa no setor hoteleiro é iminente. Comer fora não é uma boa ideia e os restaurantes e bares fecharam em muitos lugares”. Isso se deu devido a uma queda brusca no consumo fora de casa, impulsionando os serviços voltados para vendas online, entregas em domicílio e consumo doméstico. Assim, os setores de comercialização e consumo que não envolvem o âmbito da casa entraram em situação de crise e retração econômica.

Nesse sentido, o isolamento social trouxe a desaceleração da sociedade contemporânea, colocando boa parte da população em confinamento doméstico. Para alguns permanecer no lar tornou um grande desafio. Para outros possibilitou um olhar para dentro, para si e para a casa, que no cotidiano muitas vezes são pouco acessados pelos indivíduos.

Estamos refletindo um pouco se essa rotina acelerada é de fato necessária, se todas as viagens de avião são necessárias, se todo mundo precisa sair de casa e voltar no mesmo horário. Se não podemos ser mais flexíveis, menos congestionados, com menos poluição (SCHWARCZ, 2020, on-line).

Durante a pandemia o âmbito da casa resgatou e possibilitou práticas, que no cotidiano eram desenvolvidas em outros distintos espaços. Estas passaram a ser realizadas em âmbito domiciliar em conjunto com a família e com as práticas domésticas. Algo presente de forma mais intensa em sociedades tradicionais em que a separação das dimensões da casa e da rua não se encontram tão delimitadas. Nesse sentido, tal realidade trouxe um processo de humanização dos tempos sociais, rotinas e temporalidades distintas, diferenciando-se conforme a nacionalidade, classe social, a raça e gênero (SCHWARCZ, 2020). O que, de certa forma, distanciou a sociedade da concepção capitalista do lazer, aproximando-se da perspectiva clássica de ócio.

O isolamento social convidou ao retorno da vida com menos consumo. Um

retorno aos muitos afazeres individuais e familiares, que no cotidiano estavam sobre a responsabilidade de outras pessoas ou profissionais domésticos. Nesse contexto, três categorias profissionais pouco valorizadas nos tempos atuais passaram a ser lembradas e reconhecidas pela presença ou ausência no cotidiano dos brasileiros: os trabalhadores domésticos, os professores e os profissionais da saúde.

Muitas atividades laborais precisaram ser remodeladas para *home office*, fazendo com que diversos profissionais precisassem adaptar seus afazeres profissionais em modo remoto, por meio da tecnologia. Os jornalistas, por exemplo, passaram a apresentar suas matérias em seus lares, humanizando-os diante do público e trazendo a dimensão da rua para a casa, expondo em certa medida sua intimidade doméstica.

Na contemporaneidade, o ócio se fez menos presente na vida dos indivíduos que o lazer (MARTINS, 2018). Entretanto, em tempos de pandemia, essa sociedade tão acelerada foi obrigada a desacelerar. Isso porque, o processo de isolamento social trouxe para parte dos indivíduos, a possibilidade de aprender coisas novas. Aprender a cozinhar, meditar, fazer artesanato, atividades artísticas e manuais. Realizar reparos na casa, fazer faxinas, cuidar dos membros da família sem a ajuda de funcionários domésticos.

Houve a ampliação de possibilidades de práticas no contexto da casa passíveis de serem experimentadas, envolvendo leitura, música, atividades físicas, filmes e séries, culinária, *lives* e cursos na *internet*. Algumas famílias puderam vivenciar experiências de estar com seus filhos sem a presença da escola e de funcionários da casa, tendo que propor diversas possibilidades de usufruto do tempo doméstico disponível. Passou a ser um exercício de busca pela autonomia domiciliar que muitos desconheciam, sobretudo os grupos pertencentes às classes sociais médias e altas.

A solidão, já presente na sociedade contemporânea, passou a ser experimentada de forma mais profunda. Na pandemia constituiu-se como possibilidade de reconexão do ser humano consigo mesmo, de emancipação individual e coletiva, bem como de desenvolvimento pessoal. O exercício do silêncio, do estar sozinho e do distanciamento social transformaram-se em experiências vividas em todas as partes do globo.

Assim, o ócio, já tão combatido pela lógica religiosa e capitalista, passou a ganhar espaço como possibilidade de experiência individual subjetiva durante a pandemia. Trata-se de um fenômeno humano complexo, vivenciado a partir da autonomia dos indivíduos, cuja sociedade capitalista desconstruiu e descaracterizou seu sentido clássico. Este passou a ser constituído historicamente como algo negativo, a partir do momento em que houve a valorização da ocupação produtiva ainda no final da Idade Média e sob a influência do protestantismo, sendo pensado desde a modernidade como ociosidade, a partir de uma leitura produtivista e funcional (MARTINS, 2018). Na visão grega, o ócio traz em seu bojo a apreensão subjetiva do mundo. Traz a busca pelo autoconhecimento. Não há a dependência do tempo nem do espaço. Trata-se de uma atitude contemplativa que tem um fim em si mesmo.

Nesse sentido, enquanto experiência, o ócio precisa de um estado de disponibilidade pessoal. Trata-se de uma oportunidade de realizar atividades com significado próprio para quem escolhe realizar. Remete ao livre arbítrio, ao livre pensamento e à contemplação estética. É uma fruição em si mesmo do tempo de quem o vivencia. No seu exercício não há conotação produtiva ou compensatória do trabalho. O que nos dias atuais torna-se uma experiência de resistência diante da hegemonia do lazer e suas dimensões mercantis.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, foi possível observar que a vida moderna paulatinamente distanciou a sociedade da vida familiar e comunitária. Por isso, a realidade pandêmica trouxe um momento de introspecção coletiva sobre a necessidade de repensar o modelo da sociedade atual, sobretudo diante das mobilidades, economias e consumos cotidianos. Nessa experiência traumática e globalizada, o individualismo, a economia, o consumo e a centralidade do trabalho passaram a ser revistos, transformando-se em um convite a pensar sobre temas mais essenciais da vida coletiva, como a solidariedade, os direitos humanos e as relações éticas de alteridade (GOULART, 2020).

A rua como espaço de lazer tornou-se inviável, uma vez que para reduzir o processo de transmissão comunitária, o isolamento doméstico passou a ser a principal medida de contenção e proteção social. Assim, os indivíduos passaram a conhecer uma infinidade de possibilidades de estar consigo mesmo, com a família e em casa. Nesse âmbito, o ócio foi recuperado como uma possibilidade de redescoberta individual e de adaptabilidade ao confinamento. Tais experiências passaram a ser um meio de exercitar a criatividade fora do contexto do mundo competitivo do trabalho, colocando essa dimensão criativa à serviço do bem-estar individual. Ou seja, passou a ser uma possibilidade de humanização do cotidiano e do ambiente doméstico já carregados de obrigações, conflitos e violências.

Nesse sentido, o ócio como descanso, nada fazer, relaxamento e desenvolvimento pessoal passou a ser uma experiência vivida em âmbito domiciliar, mas apenas por aqueles que puderam permanecer em casa. Algo que nem todos os cidadãos tiveram a possibilidade de vivenciar, sobretudo pelas próprias desigualdades nas condições sociais e atividades laborais existentes no Brasil. Isso porque, conforme salienta Pereiro (2020), vivemos de forma desigual e diferente a experiência de isolamento social.

REFERÊNCIAS

BADIOU, A. Sobre a situação pandêmica. In: DAVIS, Mike. et al. *Coronavírus e a luta de classes*. Terra sem Amos: Brasil, 2020, p.35-42.

BAUMAN, Z. *A Cultura no Mundo Líquido Moderno*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, 111 p.

CASTELLS, M. Castells debate pandemia, Público e Educação. Entrevista de Manuel Castells a Álex Rodríguez e Carina Farreras. *La Vanguardia*. Disponível em: <<https://outraspalavras.net/pos-capitalismo/castells-debate-a-pandemia-o-publico-e-a-educacao/?fbclid=IwAR0zYn1yiBxRulv1b0rn0qmKhSeQlyLh178Wg3QNGHPP2JzicDb-cvivKrY>>. Acesso em: 16.abr.2020.

CASTRO, R. Longe do Centro do Universo. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 05 abr.2020. Opinião. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/ruycastro/2020/04/longe-do-centro-do-universo.shtml>>. Acesso em: 10.abr.2020

CUETO, M. O que um historiador da saúde tem a dizer sobre a pandemia do novo coronavírus (Covid-19)? Entrevista de Marcos Cueto a Bruno Leal. In: *Café História – História feita com cliques*. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/umhistoriador-da-saude-fala-sobre-novo-coronavirus/>. Publicado em: 30 mar. 2020. Acesso: 12.abr.2020.

DAMATTA, R. *A casa & a rua*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. 151 p.

GOULART, M. Notas sobre uma leitura feminista da pandemia. *Le Monde Diplomatique Brasil*, São Paulo, 31 mar. 2020. Gênero. Disponível em: <<https://diplomatique.org.br/notas-sobre-uma-leitura-feminista-da-pandemia/>> Acesso em: 05.abr.2020.

HARVEY, David. Política anticapitalista em tempos de COVID-19. In: DAVIS, Mike. et al. *Coronavírus e a luta de classes*. Terra sem Amos: Brasil, 2020, p.13-23.

MARTINS, J.C.O. Ócio na contemporaneidade cansada. In: Dossiê Ócio, Lazer e Tempo Livre. *Revista do Centro de Pesquisa e Formação SESC [S.I.]*, n. 22018, p.35-44, ago.2018. ISSN. Disponível em: <https://www.sescsp.org.br/online/revistas/edicoes/644_EVISTA+DO+CENTRO+DE+PESQUISA+E+FORMACAO+N02+ISSN+24482773>. Acesso em: 16.abr.2020

PEREIRO, X. A Reconstrucción Sociocultural de Galicia Pós-Coronavirus: ¿Despois da pandemia qué? *Praza*. Disponível em: <<https://praza.gal/opinion/a-reconstrucion-sociocultural-de-galicia-pos-coronavirus-despois-da-pandemia-que>>. Acesso em: 20.abr.2020.

SANTOS, B. S. *A Cruel Pedagogia do Vírus*. Coimbra: Edições ALMEDINA, 2020. 32 p.

SCHWARCZ, L. Pandemia marca fim do século 20 e indica limites da tecnologia. Entrevista de Lilia Schwarcz a Camila Brandalise e Andressa Rovani. In: *Uol Universa*. Publicado em: 09 de abril de 2020. Disponível em: <<https://umaincertaantropologia.org/2020/04/10/lilia-schwarcz-pandemia-marca-fim-do-seculo-20-e-indica-limites-da-tecnologia-uol-universa/>>. Acesso em: 15.abr.2020.

TEIXERA, M. Em Porto de Galinhas, turistas seguem na praia mesmo com pandemia. *Diário de Pernambuco*, Recife, 19.mar. 2020. Disponível em: <<https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/vidaurbana/2020/03/em-porto-de-galinhas-turistas-seguem-na-praia-mesmo-com-pandemia.html>>. Acesso em: 25.abr.2020.

TURNER, Victor W. *O Processo Ritual e a Anti-Estrutura*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1974. 245 p.

ŽIŽEK, S. Um golpe como “Kill Bill” no capitalismo. In: DAVIS, Mike. et al. *Coronavírus e a luta de classes*. Terra sem Amos: Brasil, 2020, p. 43-47.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Africanidades 9, 62, 292, 294

Arte 6, 11, 12, 13, 16, 17, 18, 21, 22, 36, 62, 66, 67, 73, 76, 77, 80, 82, 83, 84, 85, 88, 90, 94, 110, 116, 128, 136, 156, 157, 166, 170, 175, 180, 210, 213, 252, 273, 274, 279, 287, 288, 289, 290, 291, 293

Arte Barroca 13

Arte Sacra 12, 13, 16, 17, 18, 22

B

Bens Culturais 86, 123, 155, 156, 159, 162, 165, 166

C

Catolicismo 12, 13, 14, 18, 22, 47, 54, 207

Cidade 15, 16, 17, 18, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 47, 50, 51, 52, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 63, 88, 98, 101, 105, 115, 117, 118, 119, 120, 125, 127, 128, 142, 143, 144, 147, 148, 150, 151, 152, 159, 163, 164, 165, 166, 168, 169, 176, 180, 181, 182, 186, 189, 202, 211, 212, 227, 228, 235, 236, 237, 238, 239, 241, 253, 254, 255

Coleção 7, 36, 62, 78, 162, 168, 170, 172, 181, 189

Comunidade Quilombola 250, 251, 252, 253, 255, 256

Construção Social 6, 1, 7, 9, 10, 66, 177, 190

Conto 7, 70, 103, 105, 108, 109, 112, 115

Corpo 5, 8, 3, 4, 5, 9, 10, 16, 25, 32, 47, 63, 100, 106, 109, 110, 125, 150, 179, 190, 197, 210, 235, 236, 237, 258, 260, 263, 269, 271, 284, 288, 294

Cotidiano 13, 59, 65, 76, 80, 82, 92, 99, 132, 135, 137, 138, 139, 140, 157, 166, 196, 198, 199, 255, 261, 264, 267, 287

Cultura 2, 5, 9, 9, 12, 13, 14, 16, 19, 22, 23, 24, 29, 36, 44, 47, 62, 63, 65, 66, 80, 82, 85, 88, 91, 106, 107, 108, 111, 116, 117, 118, 121, 122, 123, 127, 128, 129, 140, 146, 147, 148, 154, 156, 157, 159, 160, 165, 166, 167, 168, 169, 172, 179, 193, 200, 201, 206, 208, 210, 212, 213, 214, 224, 225, 235, 236, 238, 240, 247, 248, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 261, 263, 273, 280, 281, 282, 283, 284, 286, 287, 289, 290, 292, 293, 294, 295

Cultura Brasileira 24, 80, 85

Cultura Popular 208, 212

D

Democracia 182, 183, 187, 188, 189, 201, 204, 221, 293

Desenvolvimento 5, 6, 7, 8, 9, 24, 29, 50, 54, 65, 70, 84, 117, 121, 122, 123, 127, 131, 138, 139, 140, 142, 147, 149, 151, 152, 155, 157, 159, 160, 161, 165, 167, 171, 174, 183, 184,

185, 186, 188, 224, 226, 227, 228, 230, 237, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 248, 251, 259, 260, 261, 270, 271, 280, 290, 296

E

Educação 6, 12, 21, 22, 44, 46, 47, 48, 56, 61, 62, 141, 157, 158, 159, 160, 161, 166, 167, 182, 183, 184, 186, 188, 189, 190, 191, 192, 194, 195, 196, 198, 201, 202, 203, 205, 222, 223, 224, 225, 229, 247, 250, 258, 259, 260, 261, 263, 264, 267, 268, 269, 270, 271, 279, 290, 292, 293, 294, 295, 296

Ensino 5, 5, 50, 54, 86, 107, 163, 164, 165, 166, 167, 182, 185, 191, 192, 195, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 206, 225, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 269, 270, 292, 293, 294, 295, 296

Espaço 8, 5, 25, 27, 34, 35, 45, 46, 51, 55, 56, 57, 66, 67, 74, 75, 84, 87, 88, 95, 100, 103, 104, 109, 110, 111, 112, 115, 119, 129, 130, 133, 135, 136, 139, 140, 146, 154, 156, 160, 161, 163, 166, 170, 173, 174, 176, 178, 184, 187, 188, 192, 199, 202, 208, 209, 210, 212, 214, 226, 228, 235, 236, 237, 238, 240, 241, 250, 251, 252, 254, 255, 256, 257, 263, 264, 271, 272, 274, 288, 289, 290, 293, 294, 295

Esquecimento 1, 2, 3, 5, 8, 9, 10, 11, 49, 67, 170, 178, 179, 212

Extensão Universitária 9, 261, 271, 272

F

Formação Docente 8, 9, 191, 192, 196, 197, 201, 203, 258, 260, 261, 264, 265, 269, 270, 271

Formação Social 7, 8, 11

H

História 6, 2, 4, 5, 6, 11, 20, 21, 22, 24, 25, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 47, 48, 49, 50, 52, 54, 55, 56, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 76, 77, 78, 81, 83, 85, 90, 91, 94, 95, 101, 102, 104, 107, 123, 126, 128, 131, 141, 142, 154, 167, 171, 172, 174, 176, 181, 182, 188, 189, 190, 193, 198, 201, 203, 204, 213, 214, 235, 237, 240, 241, 244, 247, 250, 252, 255, 256, 257, 282, 283, 284, 292, 293, 294, 295, 296

História Oral 6, 39, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 76, 77, 78, 235, 237, 240, 250, 252, 257, 296

Historiografia 47, 62, 68, 76, 105, 167, 182, 183, 187, 214, 251

I

Iconografia 15, 16, 21

Identidade 5, 7, 17, 52, 62, 69, 78, 106, 116, 142, 147, 156, 157, 159, 180, 185, 201, 202, 204, 208, 210, 223, 247, 249, 250, 251, 252, 254, 255, 256, 257, 276

Indígenas 19, 41, 110, 132, 164, 203, 242, 243, 246, 247, 248

Integração 8, 123, 124, 125, 209, 216, 217, 218, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 232, 234, 250, 272, 274, 275, 286, 287, 288, 289, 290

L

Lembranças 2, 3, 4, 8, 10, 39, 40, 48, 63, 64, 67, 70, 94, 98, 172, 175, 178, 180

M

Mediação 1, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 161, 178, 203

Memória 2, 5, 6, 1, 2, 3, 4, 5, 10, 11, 36, 48, 49, 63, 77, 78, 180, 181, 296

Memória Coletiva 4, 11, 77

Memória Histórica 4

Memória social 3, 4, 10, 11, 76, 241

Mercado de trabalho 8, 216, 217, 218, 225, 226, 227, 228, 229, 230

Metalinguagem 7, 92, 93

Modernidade 27, 36, 37, 62, 118, 119, 122, 123, 136, 138, 139, 156, 194, 195, 196, 198, 204, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 257

Movimento Decolonial 8, 191, 192, 193, 196, 197, 200, 201

Musealidade 7, 168, 169, 170, 172, 173, 174, 177, 178, 179

Museu 7, 77, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 172, 173, 174, 175, 176, 178, 180, 181, 296

N

Natureza 5, 6, 7, 8, 9, 16, 38, 44, 46, 68, 94, 95, 132, 137, 149, 152, 159, 179, 189, 193, 197, 200, 201, 203, 220, 221, 244, 245, 251, 279, 281, 282, 284, 285

O

Ócio 7, 129, 130, 131, 138, 139, 140, 141, 149

Oralidade 38, 39, 40, 64, 67, 68, 252

P

Paisagem Cultural 8, 235, 236, 237, 238, 239, 240

Pedagogia 9, 10, 12, 62, 133, 141, 157, 180, 189, 190, 192, 194, 196, 198, 204, 205, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 269, 270, 271

Perspectiva Histórico-Cultural 6, 1, 5, 6, 9, 10

Poesia 9, 2, 92, 93, 94, 95, 98, 99, 100, 101, 102, 272, 273, 274, 275, 276, 279, 280, 293

Preservação 5, 8, 64, 65, 123, 158, 160, 163, 168, 169, 172, 173, 177, 201, 206, 207, 208, 213, 214, 240, 247, 248, 293, 294

R

Refugiados 8, 137, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234

Representação 13, 16, 17, 20, 27, 54, 100, 170, 173, 174, 175, 178, 293

Resistência 8, 82, 83, 84, 90, 103, 104, 121, 140, 165, 176, 193, 194, 195, 196, 200, 204, 206, 207, 209, 210, 212, 213, 244, 247, 250, 251, 294

S

Sexualidade 9, 193, 246, 258, 259, 260, 263, 265, 266, 267, 269, 270, 271, 296

Sincretismo 6, 12, 14, 18, 22, 209

Sociedade 2, 5, 7, 3, 4, 5, 7, 9, 13, 14, 20, 23, 24, 25, 28, 33, 36, 38, 43, 44, 46, 47, 48, 50, 51, 52, 54, 62, 65, 76, 86, 88, 98, 107, 108, 112, 114, 122, 123, 126, 127, 129, 130, 131, 133, 134, 135, 136, 138, 139, 140, 146, 147, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 172, 179, 180, 182, 183, 189, 192, 195, 196, 198, 199, 200, 201, 203, 208, 209, 213, 214, 216, 217, 222, 223, 224, 226, 228, 229, 230, 242, 243, 245, 246, 247, 261, 262, 263, 264, 266, 268, 269, 270, 271, 274, 280, 288, 293

T

Território 51, 61, 96, 101, 110, 123, 165, 200, 203, 236, 240, 250, 252, 256

Tradição 7, 8, 17, 18, 64, 67, 68, 142, 207, 213, 238, 242, 243, 244, 246, 247, 248, 280



www.arenaeditora.com.br 

contato@arenaeditora.com.br 

[@arenaeditora](https://www.instagram.com/arenaeditora) 

www.facebook.com/arenaeditora.com.br 

Memória, cultura e sociedade

**Atena**
Editora

Ano 2021



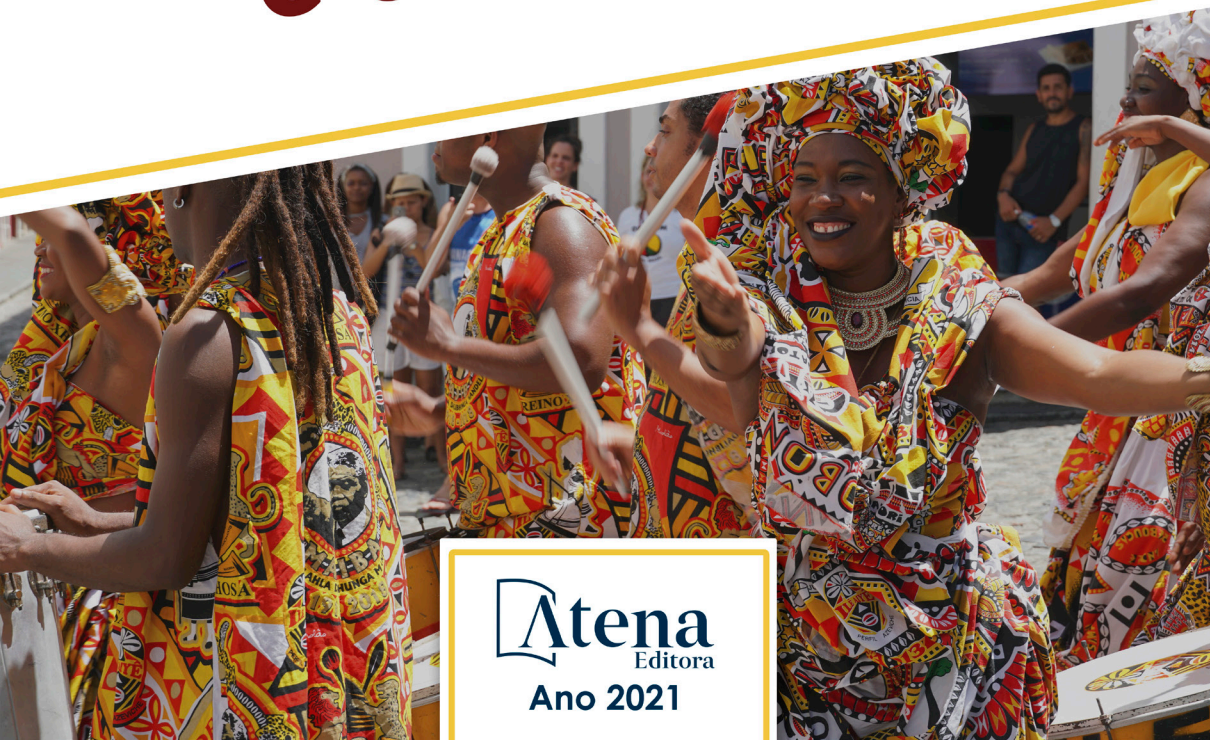
www.arenaeditora.com.br 

contato@arenaeditora.com.br 

[@arenaeditora](https://www.instagram.com/arenaeditora) 

www.facebook.com/arenaeditora.com.br 

Memória, cultura e sociedade




Atena
Editora
Ano 2021